

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO
JORNALISTA**

JULIA RICCIARDI LIMA

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO JORNALISTA

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social - Jornalismo.

JULIA RICCIARDI LIMA

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré

RIO DE JANEIRO
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia Comunicação e educação na formação do jornalista, elaborada por Julia Ricciardi Lima.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 13/12/2013

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral
Pós-Doutor em Antropologia
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação e Cultura
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. William Soares
Doutor em Letras
Departamento de Educação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

LIMA, Julia Ricciardi.

Comunicação e educação na formação do jornalista. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral

LIMA, Julia Ricciardi. Comunicação e educação na formação do jornalista. Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo fazer uma investigação sobre as relações entre o jornalismo e a educação. Busca-se, a partir da análise de diretrizes curriculares para os dois cursos, identificar pontos que permitam afirmar que o ensino de disciplinas sobre comunicação e educação é necessário à formação do jornalista. Para compreender melhor o tema, será analisado o cenário de transformação cultural promovida pelas novas tecnologias da comunicação e informação. Pretende-se pesquisar de que maneiras o jornalista pode interferir neste cenário, criando novas propostas educativas.

Palavras-chave: jornalismo; educação; tecnologia; cidadania.

ABSTRACT

The work aims to make a research about the relationship between journalism and education. Seeks, by the beginning from the analysis of curricular guidelines for both courses, identify points to support that teaching courses on communication and education is necessary to the formation of the journalist. To better understand the topic will analyze the scenario of cultural transformation promoted by new technologies of communication and information. The intention is to find ways that the journalist can interfere in this scenario, creating new educational proposals.

Keywords: journalism, education, technology, citizenship.

AGRADECIMENTOS

*Com todo meu amor para papai e mamãe, meus companheiros de caminhada,
um agradecimento enorme aos irmãos e irmãs que escolhi
e toda reverência aos meus ancestrais.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. JORNALISMO, EDUCAÇÃO E CIDADANIA.....	13
2.1 Privilégio da mídia como agente socializador.....	13
2.2 Comunicação e educação: relações emergentes.....	18
2.3 Jornalismo, cidadania e descolonização.....	22
3. COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NO CURRÍCULO DO JORNALISTA.....	28
3.1 Comunicação, educação e diretrizes curriculares.....	28
3.2 Comunicação e educação na Escola de Comunicação da UFRJ.....	33
3.3 Experiências da USP e outros núcleos de estudos.....	38
4. REINVENTANDO O JORNALISMO E A EDUCAÇÃO.....	44
5. TECENDO CONCLUSÕES.....	48
Anexos.....	49
Referências Bibliográficas.....	53

1 - INTRODUÇÃO

Há cem anos, Iam Pavlov, um médico russo, realizou com seus cães um experimento que mudaria a percepção humana sobre as ações condicionadas: sempre que alimentava os animais, Pavlov tocava uma sineta. Com o tempo, os cães associaram o som à comida, passando a salivar ao simples toque do sino, sem que houvesse nenhuma comida por perto. A partir deste resultado, começou-se a pensar que o mesmo poderia ocorrer aos humanos, que o condicionamento pudesse nos levar à reprodução de ações completamente infundadas¹.

Recentemente, o canal Discovery transmitiu um episódio do programa Jogos Cerebrais onde se realizou experiência semelhante, agora com humanos². Uma cobaia era convidada para uma suposta entrevista de emprego e posta em uma sala com alguns atores. Toda vez que uma campainha tocava, os atores se punham de pé. Já no primeiro toque, a tendência do convidado foi a de imitar a atitude do grupo, se levantando também. Mas a experiência não parou por aí. Aos poucos, os atores foram deixando a sala, até que o homem ficasse sozinho. Ao primeiro toque da campainha, mesmo sem ninguém na sala e sem saber que estava sendo filmado, ele se levantou. A equipe então arriscou uma última mudança: um novo integrante foi posto na sala. Será que além de reproduzir sem questionamentos a atitude do grupo, a cobaia seria capaz de ensiná-la? Foi o que aconteceu. Ao ouvir o toque da campainha o homem se levanta e diz ao outro que é necessário que ele se levante também, mesmo não sabendo por qual motivo isto deve ser feito.

Este longo prólogo apresenta as questões geradoras desta pesquisa: será que o fenômeno descrito não acontece de forma institucionalizada nos ambientes tradicionais de educação? E mais, será que nossa forma de descrever a educação não tem sido condicionada, limitada pelo que conhecemos como educação tradicional? A partir da resposta positiva a estas questões, identificamos a necessidade de rompimento com o pensamento condicionado sobre educação, rompimento que permite supor que, principalmente no Ocidente, um sistema de educação secular, etnocentrista, racista e aprofundador das diferenças de classe, continua sendo reproduzido a despeito das rápidas transformações socioculturais ocorridas após a disseminação das novas

¹ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Condicionamento_cl%C3%A1ssico (acessado em 20 de novembro de 2013).

² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/11/1374571-programa-jogos-cerebrais-testa-padres-de-comportamento-social.shtml> (acessado em 20 de novembro de 2013).

tecnologias da informação e da comunicação. Um rompimento que convoca que se determine o que muda e o que permanece nas ideias de educação e escola³.

A educação precisa passar por um percurso de redescrições e, como produção final de um curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo, nosso trabalho investigará como profissionais com essa formação podem trabalhar para que redescrições aconteçam, de forma consonante com a nova realidade na qual a socialização perpassa as tecnologias da comunicação e informação, e com a intenção de que esta reinvenção também seja mobilizadora de um processo social que leve à radicalização da cidadania e descolonização do pensamento, mobilizadora da construção de uma alternativa abrangente concretamente sustentável ao que já existe⁴.

O percurso do trabalho se desenvolverá a partir da ideia de que o exercício do jornalista estaria, hoje, irremediavelmente atrelado às realidades educacionais, sendo, portanto, urgente a inserção de disciplinas voltadas para o estudo das relações entre comunicação e educação em cursos universitários de graduação em jornalismo. No entanto, para além da comprovação desta ideia, o interesse é o de explorar a natureza destas vinculações, entre comunicação e educação e entre jornalismo e educação, suas causas e suas possibilidades.

O tema proposto parece encontrar sua relevância nas conjunturas educacionais da América Latina e, principalmente, do Brasil. Meios de comunicação, milhares de livros, todos os discursos políticos, organismos internacionais, especialistas, filósofos e páginas da internet concordam sobre a importância da educação, mas são raras as propostas de reinvenção e abundantes as propostas de melhorias “cosméticas”. A discussão sobre a relação da educação com as novas tecnologias da comunicação e informação, da qual participam ativamente veículos da mídia de massa, é frequentemente abordada dos pontos de vista instrumental e moral, sendo ignorados os aspectos cultural e político das novíssimas tecnologias. Enquanto isso, o Brasil ainda apresenta indicadores educacionais preocupantes, como a taxa de analfabetismo: segundo a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (Pnad), em 2010, havia cerca de 14,1 milhões de analfabetos com mais de 15 anos de idade e um analfabetismo funcional estimado em cerca de 30% da população⁵. O Brasil também não obtém o melhor êxito nos testes comparativos com outros países. Dados divulgados pela

³ SODRÉ, 2012, pg. 193

⁴ MÉSZÁROS, 2008, pg. 56

⁵ SODRÉ, 2012, pg. 245

Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (Ocde), em 2010, registram uma taxa de 51% da população brasileira entre 25 e 64 com ensino médio incompleto enquanto a média dos 31 países ricos da Organização registra a mesma taxa em 29%⁶. O país encarna, assim como seus vizinhos, o que Barbero nomeia como “destempos” da educação, com as dívidas geradas pela universalização da educação (como as taxas de analfabetismo e analfabetismo funcional), atraso na capacidade de produção de ciência e tecnologia, retraimento do estado em favor do investimento privado em educação⁷, posição extremamente preocupante quando tudo indica que:

Em grande parte, o futuro do país dependerá de como se administre a equação da produção, do emprego, da renda e do meio ambiente, o que demanda um projeto de educação consistente em termos nacionais⁸.

Fomenta esta investigação, um contexto de reorganização do mundo da produção, finanças, política, comunicações, tanto no nível das relações sociais como nos dispositivos de mídia⁹, um contexto de discussões sobre o uso da tecnologia em sala de aula e de fortalecimento da mídia como ambiente de socialização, principalmente entre jovens. Desenvolveremos nossos argumentos à luz de um contexto de decadência da linearidade do texto escrito como ferramenta privilegiada do jornalismo e da escolarização.

Trabalharemos sobre um contexto de intensificação de pesquisas dedicadas às relações entre comunicação e educação, e de multiplicação dos cursos universitários dedicados ao tema. Este trabalho também está contextualizado em um momento de expansão de produções realizadas por jornalistas, como documentários e livros-reportagem, que apresentam um projeto questionador do modo como concebemos paradigmaticamente a escola.

As metodologias de pesquisa utilizadas serão pesquisa bibliográfica, aplicação de questionário online junto aos alunos da Escola de Comunicação da UFRJ (ECO) e a análise de três documentos curriculares.

A pesquisa online será formatada na plataforma digital “*Google Drive*” e aplicada aos alunos de qualquer período do curso de jornalismo da Escola de Comunicação da UFRJ (ECO). O questionário será constituído de perguntas de dupla escolha (sim e não), sem a possibilidade de adição de respostas alternativa. A partir

⁶ SODRÉ, 2012, pg. 245

⁷ BARBERO, 1997, pg. 166

⁸ SODRÉ, 2012, pg. 242

⁹ *Ibidem*, pg. 166

dele, a intenção será averiguar: a) se os alunos da ECO conhecem o campo de estudos da comunicação e educação; b) se já tiveram, no ambiente da Universidade, contato com material educativo sobre o tema; c) se os alunos estariam interessados em cursar uma disciplina eletiva sobre o tema.

Já as análises curriculares serão feitas a partir de três documentos: o que propõe a nova reforma curricular nacional para o curso de jornalismo, o documento que instituiu a última reforma curricular nacional para o curso de pedagogia e o documento que instituiu a última reforma curricular no curso de jornalismo da Escola de Comunicação da UFRJ (ECO). Analisar as propostas curriculares parece essencial para identificação de brechas que permitam a inserção de um curso de comunicação e educação nas graduações de jornalismo e para o mapeamento de interações entre as disciplinas que porventura já tenham sido propostas por estes documentos.

Os capítulos seguem a seguinte disposição: as análises dos documentos curriculares estarão concentradas na segunda parte do trabalho, nos tópicos 3.1 e 3.2. Dando sequência, o tópico 3.3 apresentará uma análise crítica de algumas experiências de ensino de comunicação e educação já postas em prática por Universidades brasileiras. A primeira parte será mais dedicada à contextualização teórica, baseada no diálogo com o trabalho de diversos autores. O item 2.1, por exemplo, será dedicado à reflexão sobre a mídia como um agente socializador e educador privilegiado. O 2.2 tentará apresentar a relação entre comunicação e educação enquanto disciplinas, a origem e destino que parece tomar essa relação dialética. No último tópico da primeira parte deste trabalho, a tentativa será a de finalmente especificar melhor os mecanismos que podem ligar o exercício do jornalista à educação verdadeiramente transformadora da realidade social, tema retomado pelo capítulo 5, que apresenta uma sugestão conclusiva de possibilidades de diálogo entre jornalismo e educação.

De toda a bibliografia que este trabalho utiliza, dois autores merecem destaque. Um deles, Muniz Sodré, que com *Reinventando a Educação*, de 2012, apropriou de forma definitiva a educação como objeto do discurso da comunicação, fazendo com que a investigação proposta aqui parecesse possível. Outro é István Mészáros, que em 2005 explorou sua teoria marxista para educação em *A educação para além do capital*, mantendo viva, através de uma perspectiva atual, a linha de pensamento também seguida pelo inigualável pensador da educação brasileira que foi Paulo Freire.

Sobre as particularidades do tratamento que esta pesquisa dará ao tema, é necessário frisar que todas as falas sobre o campo da educação serão feitas de uma

posição de aluno. Um profissional formado em jornalismo pela ECO/Ufrj, hoje, apresentaria pouca ou nenhuma autoridade para falar sobre a educação e seus “destempos”. A não ser que assumisse seu papel de aluno - experimentado durante os oito anos de ensino fundamental, três de médio, quatro de graduação -, como passível de promover transformações significativas na realidade educacional que viveu. A autoridade das análises sobre educação que se seguem, provém de uma profunda crença de que o sujeito da educação é um sujeito político, capaz de assumir responsabilidade diante do mundo¹⁰. A autorização conceitual para que o jornalismo enverede pelos caminhos da educação, está dada e será, certamente, enriquecedora para o processo social atual, na medida em que:

Não se concebe uma modernização política sem o avanço significativo no processo educacional e a educação pode efetivamente preceder a política, não necessariamente de forma ortodoxa, a partir do espaço escolar, e sim de uma esclarecida movimentação social articulada com as movimentações do “macro-objeto” urbano (a megacidade contemporânea) e com as capacidades mobilizadoras da rede eletrônica¹¹.

¹⁰ SODRÉ, 2012, pg. 198

¹¹ *Ibidem*, pg. 173

2 – JORNALISMO, EDUCAÇÃO E CIDADANIA

“Hoje em dia educação está proibida.”

(Fala do filme A educação proibida¹²)

O modelo de educação tradicional está em crise. As estatísticas mostram que ideais de universalização de um sistema de escolarização apegado a valores oitocentistas tem fracassado principalmente nos países chamados periféricos, alertando para que, se não for recriada em direção a valores mais democráticos, que promovam a verdadeira cidadania e pluralidade cultural, a educação pode levar movimentos de marginalização social ao seu limite. O declínio de um modelo de pensamento monista e ocidentalista, de um modelo no qual se crê como o ideal de desenvolvimento a ser alcançado, pode ser observado, inclusive, na própria Europa. Notícias dão conta de que em Portugal, por exemplo, há hoje quase meio milhão de jovens entre 15 e 34 anos que abandonaram o sistema educacional, que no ensino superior do país oferece uma média de investimentos de 90 a 100 mil euros por aluno, e permaneceram fora do mercado de trabalho. Apelidados em Portugal de geração “nem-nem”, estes jovens engrossam as estatísticas do fenômeno chamado NEET (Young People Neither in Employment nor in Education and Training), acompanhado hoje com máxima atenção pela Comissão Europeia¹³.

O que a mídia tem a ver com isso? Como ela poderia ajudar no enfrentamento desta realidade, reconstruindo práticas escolares e educacionais? Porque o jornalista deveria se inserir nesse movimento? Quais seriam suas possibilidades de ação?

2.1 Privilégio da mídia como agente socializador

Uma foto circula nas redes sociais: no quadro negro, nomes de 36 alunos escritos em ordem alfabética. Em frente a cada um, encostados na lousa, seus respectivos smartphones. De todos os alunos da turma, só cinco não possuem o aparelho, ou não tiveram o seu confiscado pelo professor¹⁴. A imagem registra uma entre as muitas preocupações com educação que estão sendo recorrentemente pautadas pela mídia: a preocupação a respeito da adoção ou proibição do uso da tecnologia em

¹² A educação proibida, 2012.

¹³ Disponível em: <http://www.publico.pt/portugal/noticia/portugal-ja-tem-quase-meio-milhao-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-1613702#/0> (acessado em 26 de novembro de 2013).

¹⁴ Anexo I

sala de aula. Muitas vezes, inclusive no meio acadêmico, essa questão vem sendo tratada como um simples conflito moral e geracional, mas o desafio enfrentado pela educação diante da proliferação das tecnologias da comunicação vai além. Hoje, revela-se uma crise geral do modelo pedagógico tradicional, desencadeada, entre outros fatores, pela dificuldade de reconhecimento das tecnologias como novos e importantes agentes socializadores inseridos na esfera cultural.

Lévy escreveu uma observação sobre a dificuldade de absorção de novas técnicas pela cultura humana, quando disse que:

O cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são consideradas culturais e impregnadas de valores, enquanto as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida. Isto porque outras técnicas o constituem (o sujeito) em demasia para que ele pense em aponta-las como estrangeiras¹⁵.

Esse fenômeno se agrava quando as técnicas são transformadas em tecnologia, um objeto de conhecimento distinto que não significa apenas a produção avançada de ferramentas, instrumentos. Segundo Sodré:

A tecnologia é razão raciocinante da técnica. A tecnologia, portanto, não é apenas ferramenta, não é apenas instrumento, mas a tecnologia significa um convite à mutação de atitudes não exclusivamente materiais nem instrumentais¹⁶.

Mais do que um conjunto de aparatos, as novas tecnologias da comunicação devem ser consideradas um novo *sensorium*, porque geram novas sensibilidades, novos modos de perceber, de sentir e se relacionar com o tempo e o espaço, uma nova maneira de conhecer e se socializar¹⁷. A partir de uma nova configuração técnica, vemos que um novo estilo de humanidade é inventado¹⁸. Essa reconfiguração do mundo impõe uma grande questão aos modelos tradicionais de escolarização, o desafio de como inserir na escola um ecossistema comunicativo que é tanto experiência cultural quanto entorno informacional e espaço educacional difuso¹⁹. Para Barbero:

Temos hoje um modelo de comunicação pedagógica que se impede de se relacionar com o saber disseminado na multiplicidade dos meios de comunicação, olhando a tecnologia como algo exterior à cultura²⁰.

¹⁵ LÉVY, 1993, pg. 8

¹⁶ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LPxH2Z2Dzi0> (acessado em 26 de novembro de 2013).

¹⁷ BARBERO, 1997, pg. 15

¹⁸ LÉVY, 1993, pg. 10

¹⁹ BARBERO, 1997, pg. 14

²⁰ *Ibidem*, pg. 4

A lacuna que impede que as tecnologias sejam reconhecidas pela escola como experiências culturais e também como protagonistas da socialização nos dias de hoje, faz com que os jovens fiquem inertes diante da atração que essas tecnologias exercem e incapazes de se apropriarem delas de maneira crítica e criadora²¹. Desencarnada, sem a dimensão cultural, a tecnologia fecha-se narcisicamente em torno de si mesma²², alimentando um grave processo de marginalização sociocultural²³. Sodré pontua que o modelo da escola é anacrônico, oitocentista, sobretudo frente às formas de vida juvenis, regidas pelas tecnologias de comunicação²⁴.

O mesmo acontece com a mídia, com o conjunto dos meios de comunicação, que disputam hoje com os tradicionais agentes de socialização, como a escola e a família, a hegemonia na influência de formação de valores, condução de imaginário e procedimentos dos sujeitos²⁵. Em virtude de uma hipertrofia da mídia, seja ela grande ou pequena, a informação converteu-se no próprio solo social²⁶. De acordo com Baccega:

Já não se trata mais de discutir se devemos ou não usar os meios no processo educacional ou de procurar estratégias de educação para os meios; trata-se de constatar que eles são os educadores primeiros, pelos quais passa a construção da cidadania. É desse lugar que devemos nos relacionar com eles. E é esse o lugar onde temos que esclarecer qual cidadania nos interessa²⁷.

Há que se esclarecer que a primazia da mídia e das novas tecnologias como agentes socializadores não é, por si só, uma tendência positiva da atualidade, nem gera de forma espontânea uma apropriação efetiva dos conhecimentos tecnocientíficos²⁸. A pesquisadora Viviane Mosé, por exemplo, alerta para um ponto negativo do processo, a retroalimentação que fazem sistema escolar e mídia de uma visão binária de mundo²⁹. Mosé também identifica um descompasso que vigorou durante o século XX, momento de enorme valorização do conhecimento técnico e temor do pensamento crítico, que fez com que chegássemos ao XXI com imenso desenvolvimento tecnológico e alarmante imaturidade política e social³⁰, que fez do século XXI uma era em que os objetos,

²¹ *Ibidem*, pg. 5

²² SODRÉ, 2012, pg. 160

²³ BARBERO, 1997, pg. 16

²⁴ SODRÉ, 2012, pg. 246

²⁵ BACCEGA, 2001, pg. 7

²⁶ SODRÉ, 2012, pg. 172

²⁷ BACCEGA, 2001, pg. 10

²⁸ SODRÉ, 2012, pg. 262

²⁹ MOSÉ, 2013, pg. 52

³⁰ *Ibidem*, pg. 22

impelidos pela tecnologia, chegam mais rápido que suas justificativas sociais³¹. Sodré também reconhece esta hipótese, de uma sociedade tecnologicamente centrada nos meios, sem fins sociais³², que é complementada e justificada por Lévy a partir de um argumento histórico:

O distanciamento entre os problemas colocados à coletividade humana pela situação mundial de evolução da técnica e o debate midiático tem uma razão histórica: a filosofia política e a reflexão sobre o conhecimento se firmaram em uma época em que as tecnologias pareciam ter um caminho previsível³³.

Em sua teoria marxista da educação, Mészáros identifica um processo afim aos identificados, pontuando que experienciamos atualmente a convivência de uma massa inédita de informações disponíveis e uma incapacidade aparentemente insuperável de interpretação dos fenômenos³⁴. O sociólogo critica duramente a mercantilização da educação, para ele um produto da prevalência da mídia como agente de socialização:

O enfraquecimento da educação pública, paralelo ao crescimento do sistema privado, deu-se ao mesmo tempo em que a socialização se deslocou da escola para a mídia, a publicidade e o consumo. Aprende-se a todo momento, mas o que se aprende depende de onde se aprende e como se aprende.³⁵

Não é nova a ideia de que grande parte de nossas experiências constitutivas possam estar acontecendo fora do sistema de educação formal. Paracelso, pensador do século XVI, já identificava a existência de mecanismos de internalização da cultura para além do método de escolarização tradicional:

A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender³⁶.

A diferença é que atualmente a aprendizagem extraescolar se encontra potencializada pela digitalização dos computadores e interfaces analógicas da multimídia³⁷. Esta digitalização impulsionou o surgimento de novos modelos de produção e representação, insinuando sinais de um esgotamento dos modelos clássicos³⁸. Os meios de comunicação então se destacam de forma inédita no espaço das mediações culturais constituindo-se como educadores privilegiados, dividindo as

³¹ SODRÉ, 2012, pg. 160

³² *Ibidem*, pg. 58

³³ LÉVY, 1993, pg. 4

³⁴ MÉSZÁROS, 2008, pg. 17

³⁵ *Ibidem*, pg. 16

³⁶ PARACELSO, *apud* MÉSZÁROS, 2008, pg.23

³⁷ SODRÉ, 2012, pg. 201

³⁸ *Ibidem*, pg. 162

funções antes destinadas somente à escola³⁹. McLuhan, ao indagar sobre o futuro da educação, já havia identificado esta inversão pela qual passaria o sistema:

No passado humano comum, o conhecimento e a informação eram maiores dentro da sala de aula do que fora dela. Com a inversão espetacular dessa situação, dir-se-ia que é possível que a função da escola também tenha se invertido, que a função da escola já não seja instruir, mas descobrir. E a função do estabelecimento de ensino é treinar à percepção do ambiente exterior ao invés de meramente reproduzir informação e introduzi-la no crânio dos alunos dentro do ambiente⁴⁰.

Enxergar a educação como uma totalidade de práticas da sociedade, incluindo, portanto, uma ampliação no sentido do campo cultural que tenha como sujeitos principais meios de comunicação junto a escolas e outras agências de formação⁴¹, é essencial para uma tomada de decisão consciente de que caminhos seguir diante da crise do sistema formal de aprendizagem. Mészáros observa que considerando um significado amplo de educação, podemos concordar com Paracelso em que:

Muita coisa (praticamente tudo) é decidida, para o bem e para o mal – não apenas para nós próprios como indivíduos, mas simultaneamente também para a humanidade -, em todas aquelas inevitáveis horas que não podemos passar “sem aprender”⁴².

Esse é parte do cenário que alimenta a estreita relação entre as disciplinas da comunicação e da educação. Mas o que é, afinal, o processo educacional? Como se caracteriza esse processo que deve assimilar as tecnologias da comunicação como novas formas públicas de cultura, ligadas visceralmente à cidadania?⁴³ Segundo Sodré, educação é um processo de incorporação intelectual e afetiva, pelos indivíduos, dos princípios e forças que estruturam a continuidade do grupo social⁴⁴. Para o autor ela seria diferente da instrução, que capacita para funções específicas, e da própria cultura, modo de produção de sentido para toda totalidade social⁴⁵.

A definição de educação nos impõe a necessidade de um esclarecimento: se educação se diferencia de cultura, inscrever a mídia na cultura, necessidade identificada por muitos teóricos já citados, não basta para que a mídia se inscreva de forma verdadeiramente transformadora nos processos educacionais. Por isso, é urgente

³⁹ BACCEGA, 2001, pg. 10

⁴⁰ SODRÉ, 2012, pg. 186

⁴¹ BACCEGA, 1999, pg. 10

⁴² MÉSZÁROS, 2008, pg. 48

⁴³ SODRÉ, 2012, pg. 250

⁴⁴ *Ibidem*, pg. 15

⁴⁵ *Ibidem*, pg. 16

também, que além da inscrição da mídia no campo cultural se promova uma ampliação dos recursos denominados educacionais como defende Meszáros:

Sem um progressivo e consciente intercâmbio com processos de educação abrangentes como “a nossa própria vida”, a educação formal não pode realizar as suas muito necessárias aspirações emancipadoras⁴⁶.

De acordo com Sodré, hoje, um seguimento privilegiado de jovens (15 a 20%) tem acesso há uma educação de alta competitividade dentro das novas configurações econômicas, uma educação que integra instrução e cultura e associa estreitamente a economia e novas tecnologias⁴⁷. A maioria permanece excluída pela estrutura, como os alunos brasileiros que, submetidos a uma educação padronizada e a uma democratização da educação incapaz de reduzir a desigualdade social, apresentam resultados modestos nos exames comparativos mundiais.

Este trabalho defende que um caminho em direção à mudança dessa realidade passa por um intercâmbio ativo e efetivo, com práticas educacionais mais abrangentes⁴⁸, e convoca o jornalismo e as tecnologias da comunicação para uma participação nas práticas político-educacionais-culturais⁴⁹ com vistas à construção de uma nova ordem social. Cabe então investigar como, inscritos como disciplinas e cursos no ambiente de ensino acadêmico, jornalismo e educação podem gerar intercâmbios que representem a apropriação crítica desse cenário apresentado.

2.2 Comunicação e educação: relações emergentes

*“Aprender é entrar em comunicação com o outro.”
(Madalena Freire)*

A defesa da necessidade do ensino de comunicação e educação nos cursos de jornalismo deve passar pela contextualização das relações entre esses campos do saber. A existência de atravessamentos entre os campos da comunicação e da educação não é nova, nem produto exclusivo das novas sociabilidades estimuladas pelas modernas tecnologias da comunicação, mas estes atravessamentos adquiriram atualmente uma emergência que faz com que autores como Orozco identifiquem na tríade comunicação, educação e novas tecnologias uma das problemáticas substanciais do novo milênio⁵⁰.

⁴⁶ MÉSZÁROS, 2008, pg. 59

⁴⁷ SODRÉ, 2012, pg. 240

⁴⁸ MÉSZÁROS, 2008, pg. 59

⁴⁹ *Ibidem*, pg. 57

⁵⁰ OROZCO, 1999, pg. 57

Desde a invenção da imprensa por Gutenberg em 1455 e a posterior institucionalização do texto impresso, mídia e educação tiveram seus caminhos unidos de forma inequívoca. Além de dividirem a mesma ferramenta em suas atividades, o texto impresso, imprensa e educação tiveram suas relações profundamente exploradas ao longo da história. Um exemplo é o trabalho de Celestin Freinet que já no início do século passado, teria dado início a uma experiência que propunha que estudantes das séries escolares iniciais da França manuseassem maquinário de impressão, produzindo um informativo sobre o cotidiano de sua comunidade⁵¹.

O campo da comunicação no Brasil só se configura verdadeiramente em 1970, quando, segundo Marques de Melo, cessa a fragmentação dos espaços empresariais, profissionais e acadêmicos relacionados com a produção de bens culturais⁵². Mas já bem antes disso, enquanto novas tecnologias de comunicação chegadas ao país ainda procuravam consolidar uma linguagem própria, acabavam muitas vezes por assumir um caráter educacional: em 1923, por exemplo, a função educacional convivia com os primeiros passos do jornalismo radiofônico na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro⁵³.

O mesmo esforço epistemológico empreendido para definição do campo da comunicação em 1970 é empreendido no campo da educação a partir do início da década de 1980, quando várias universidades iniciam reformas curriculares para a criação do curso de pedagogia, agregando educadores adeptos de diversas abordagens nesta construção⁵⁴. Observando os momentos históricos de demarcação epistemológica dos dois campos, podemos identificar mais um antigo ponto comum: tanto a educação quanto a comunicação apresentam-se como campos problemáticos e objetos complexos, já que se fundamentam em relação a conhecimentos em contínua interação social⁵⁵.

Por muitas razões, na atualidade, as duas disciplinas se veem definitivamente associadas⁵⁶. A proliferação de tecnologias da comunicação e informação introduz não só um descentramento de todos os espaços tradicionais de concentração do conhecimento⁵⁷, como age diretamente na redefinição do uso das ferramentas sobre as quais comunicação e educação estão historicamente assentadas.

⁵¹ MESSIAS, 2010, pg. 2

⁵² *Idem.*

⁵³ ORTRIWANO, 2003, p. 68

⁵⁴ CRAVEIRO; SILVA, 2005, pág. 4

⁵⁵ BERGONAS, 1999, pg. 55

⁵⁶ *Idem.*

⁵⁷ SODRÉ, 2012, pg. 222

Um exemplo do processo que descentraliza os espaços tradicionais dos conhecimentos e disciplinas é o visível movimento de diversificação das falas de atores sociais sobre a educação. Pesquisadores de diversos campos, entre eles a comunicação, têm se interessado pela busca dos diálogos possíveis com a disciplina. Este cenário é confirmado pelo documento que define as diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia, segundo o qual:

Tem crescido o número de licenciados em outras áreas do conhecimento, buscando formação aprofundada na área de gestão das instituições e de sistemas de ensino, em especial, por meio de cursos de especialização⁵⁸.

A prevalência de alguns tipos de discurso sobre o campo, pode também revelar questões críticas enfrentadas atualmente pela educação. Uma crítica recorrente é a de que o discurso, portanto decisões sobre educação, está sendo pautado pelos setores administrativos, enquanto deveria ser pautado por educadores. Já para Sodré, o grande detentor do discurso na educação brasileira é, hoje, o campo da Economia:

Os grandes pedagogos brasileiros, neste momento, são os economistas. Falam de verba, falam de capital humano, são quantificadores, são avaliadores. Isto tem um efeito apenas episódico para o governo exibir seus números e deixar de ter, junto com o discurso da verba, que é um discurso do economista, um discurso do verbo reflexivo e transformador em que a educação implica⁵⁹.

O decréscimo do uso unânime do texto impresso é um dos grandes responsáveis por esta multiplicidade que atinge hoje o discurso sobre educação. Desde o século XVII esse é o modelo de comunicação sobre o qual a atividade pedagógica está assentada, do mesmo modo que as ciências e as leis⁶⁰. Um bom exemplo disso é o fato de que a linearidade adotada como percurso para o desenvolvimento escolar, a gradação das etapas de aprendizagem, são correspondentes à linearidade do texto escrito, paradigma da comunicação que vigora desde a revolução cultural que introduz a impressão⁶¹. Hoje, vivemos a crise desse modelo de educação, no qual a escola encarna e prolonga como nenhuma outra instituição o regime de saber que instituiu a comunicação do texto impresso⁶². Esta crise teria se intensificado a partir do advento do uso televisão, que, de acordo com Barbero, radicalizou uma descentralização do saber e

⁵⁸ CRAVEIRO; SILVA, 2005, pg. 5

⁵⁹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MSCEm9UePTc> (acessado em 22 de outubro de 2013).

⁶⁰ SODRÉ, 2012, pg. 204

⁶¹ BARBERO, 1997, pg. 3

⁶² *Idem*.

da autoridade pela transformação dos modos de circulação da informação, que antes era detida pela literatura escrita:

A queda de fronteiras espaciais e sociais que a televisão introduz deslocaliza os saberes e des-legitima suas segmentações. Modifica tanto o estatuto epistemológico como institucional dos lugares do saber e dar figuras da razão. Não é estranho que o imaginário da televisão seja associado às antípodas dos valores que definem a escola: longa temporalidade, sistematização, trabalho intelectual, valor cultural, esforço, disciplina⁶³.

Esse processo se expande com as novas tecnologias que passam a modificar este mundo de saberes territorializados, que subjazem à instauração do regime da impressão, a partir da modificação o espaço-tempo vigente, impulsionando transformações nas formas de vinculação comunitária e promovendo o advento de uma forma social virtualizada⁶⁴. A heterogeneidade do mundo passa, portanto, a não ser plenamente representada pelas sequências lineares que ditava a palavra impressa⁶⁵. Segundo Edgard Morin:

Há uma inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartilhados entre as disciplinas, e, por outro lado, realidades e problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, transnacionais, globais, planetários⁶⁶.

As relações dialéticas entre os campos da comunicação e da educação sempre existiram e tomam dimensões extremamente amplas frente ao cenário atual de desterritorialização dos campos de saber. Devemos sublinhar as formas múltiplas que adquirem essas relações, lembrando que a educação inclui e transcende a noção de escolaridade e que a comunicação não se restringe ao estudo dos meios⁶⁷. Atemos-nos aqui, no entanto, aos tipos de relação que acreditamos aproximar, mas especificamente, os campos do jornalismo e da educação, como a relação com a ferramenta do texto impresso e suas modificações, compartilhadas por ambos.

As formações, tanto do educador quanto do jornalista, têm sofrido uma série de modificações advindas de uma profunda transformação do campo cultural. Segundo Barbero, se não se escreve nem se lê como antes tampouco se pode ver nem representar

⁶³ BARBERO, 1997, pg. 7

⁶⁴ SODRÉ, 2012, pg. 192

⁶⁵ BARBERO, 1997, pg. 2

⁶⁶ MORIN, *apud* MOSÉ, 2013, pg. 33

⁶⁷ BERGONAS, 1999, pg. 56

como antes⁶⁸ e, portanto, não se pode ensinar nem reportar como antes. De acordo com Sodré, a formação do docente tem requerido a superação:

dos desajustes entre o projeto pedagógico formativo e as formas expressivas acionadas pelo bios virtual, desde aquelas características da mídia tradicional até as novíssimas práticas desenvolvidas na rede eletrônica⁶⁹.

Por sua vez o jornalista, que teve diminuído seu tempo de reflexão durante seu processo de produção, ao mesmo tempo em que vê a repercussão de seu trabalho acontecer quase que de forma instantânea⁷⁰, é convocado pelas mesmas modificações que atingem a educação a adotar novos mecanismos de comunicação, mais tolerantes e culturalmente mais solidários que a escrita e a leitura em seus padrões europeus⁷¹.

Dados de uma pesquisa realizada pela FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), que em 2012 dedicou-se a delinear o perfil do jornalista brasileiro, mostra que por dividirem mudanças emergentes no campo da linguagem, jornalismo e educação têm se relacionado cada vez mais em suas práticas. Atualmente, um em cada dez jornalistas brasileiros, por exemplo, é professor⁷², atuando predominantemente em cursos de jornalismo e recebendo a maior média de salários. Os dados sobre a presença de profissionais formados em jornalismo na carreira de docente foram tão relevantes, que mereceram um tópico especial na pesquisa dedicado a investigar especificamente o perfil dos jornalistas que atuam como professores no país.

Frente a esta multiplicidade de relações que estreitam os laços entre as disciplinas de comunicação e educação, entre os exercícios do jornalista e do professor, consideramos que o estudo de educação e comunicação é uma temática de especial interesse com vistas à formação dos profissionais dessas disciplinas. No próximo capítulo, seguiremos investigando quais seriam as possibilidades de ação do jornalista para promoção de uma educação que leve à radicalização da cidadania e emancipação dos sujeitos, principalmente na América Latina.

2.3 Jornalismo, cidadania e descolonização

“Esta luta por liberdade não é o ato de se livrar do tigre, mas o de manter a natureza do tigre.”

⁶⁸ BARBERO, 1997, pg. 8

⁶⁹ SODRÉ, 2012, pg. 204

⁷⁰ BACCEGA, 1998, pg. 10

⁷¹ SODRÉ, 2012, pg. 192

⁷² Disponível em: http://www.fenaj.org.br/reinstitui/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf (acessado em 19 de novembro de 2013).

(Gandhi⁷³)

Após analisar a vinculação entre comunicação e educação e o cenário que alimenta essa estreita relação, cabe investigar o possível papel dos comunicadores, especialmente jornalistas, personagens centrais da pesquisa, nesse horizonte.

Trata-se de identificar os mecanismos capazes de concretizar alguns devires de democratização presentes nos processos sociotécnicos, caminhos que justifiquem o ensino de comunicação e educação aos jornalistas. Pensar de que maneiras o jornalismo poderia atuar garantindo o uso das novas tecnologias em um sistema educacional humanizado⁷⁴. Um uso que não reproduza, ainda que de maneira diversa, antigas estruturas de dominação e exclusão.

Primeiro, é preciso reconhecer que diversas escolhas, culturais, políticas, a respeito das tecnologias da comunicação são feitas em instâncias de produção anteriores ao uso. Apesar da possibilidade de construção de novos agenciamentos de sentido presente nessa fase⁷⁵, não é intervindo apenas no momento do uso, determinando como uma mídia será usada pedagogicamente, que se garante sua função cidadã. Como ressalta o autor Pierre Lévy, etapas como a engenharia dos objetos e das interfaces digitais, que mediarão a relação do usuário com suas funções, raramente passam por deliberações coletivas⁷⁶. As etapas do processo de desenvolvimento tecnológico têm estado à mercê das decisões econômicas dos mercados mundiais. Afastados da política, ciência e técnica não permitem o pleno exercício dos sujeitos como cidadãos, como sujeitos de uma comunidade política⁷⁷.

Em países como os latino-americanos, onde há uma lacuna de produção de ciência e tecnologia, a questão democrática se agrava. Os problemas de adoção de um projeto político e econômico sobre os quais alertava o geógrafo Milton Santos, quando falava sobre a perversidade de adoção integral de um projeto de globalização pan-europeu⁷⁸ se materializa na absorção da produção tecnológica. Guillermo Orozco assinala a necessidade de adequação da forma de utilização das novas tecnologias a projetos locais:

⁷³ Escolarizando o mundo, 2010

⁷⁴ O adjetivo humanizado é usado aqui no sentido empregado por Paulo Freire, quando propõe uma pedagogia capaz de restaurar a humanidade, por meio da liberdade e da justiça, das classes oprimidas. FREIRE, 2005, p. 32

⁷⁵ LÉVY, 1993, p. 4

⁷⁶ *Idem*.

⁷⁷ SODRÉ, 2012, p.17.

⁷⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=G9WoAjHEGBc> (acessado em 15 de outubro de 2013).

Já não é possível prescindir das tecnologias, mas também não se trata de acolher a tecnologia tal e qual ela nos é oferecida pelo mercado, nem para os fins que os mesmos produtores e comerciantes da tecnologia desejam. Não se trata de incorporar acriticamente a tecnologia no tecido social, educativo e comunicativo. O que estamos requerendo, sobretudo nos países consumidores, não produtores das novas tecnologias como os latino americanos, é uma série de estratégias que permitam a nossas sociedades aproveitar o potencial da tecnologia para nossos próprios fins de acordo com nossas peculiaridades culturais, científicas e tecnológicas⁷⁹.

O atraso na capacidade que têm os países da região de produzir ciência e tecnologia, espécies de mercadorias que determinam hoje a boa colocação no cenário mundial, deriva de antigas formas de dominação entre nações. O domínio econômico de alguns países sobre outros sempre foi um processo afim à colonização cultural dos países explorados, como afirma Boaventura Santos:

O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranhas e eliminaram-se formas de conhecimento estranhas porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos⁸⁰.

Esta colonização sobrevive, em instâncias como a educacional, onde ainda hoje prima um monismo ocidentalista sobre a pluralidade cultural. Após o processo de globalização, entendido aqui como um estágio supremo do imperialismo⁸¹, a conquista com armas e exércitos foi substituída por um controle das formas de apropriação do capital que vão, de acordo com Raquel Paiva, definir a maneira como as regiões elaboram sua cultura, sua língua, suas formas de expressão, a política e as relações com os outros povos⁸². O entendimento desse processo é essencial para qualquer movimento em direção à promoção de cidadania e emancipação por meio da comunicação e da educação. Para Muniz Sodré, para a perspectiva crítica do Hemisfério Sul o tempo educacional é o da descolonização, o da reinvenção dos sistemas de ensino com vistas à diversidade simbólica e dissolução da explicação monoculturalista de mundo⁸³.

José Pacheco destaca, em sua tentativa de ressignificação da escola, a possibilidade de ação dessas instituições para que haja uma verdadeira reapropriação da cidadania, citando especificamente o caso do Brasil:

⁷⁹ OROZCO, 1999, pg. 58

⁸⁰ SANTOS *apud* SODRÉ, 2012, pg. 19

⁸¹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=G9WoAjHEGBc> (acessado em 15 de outubro de 2013).

⁸² PAIVA, 2007, pg. 30

⁸³ SODRÉ, 2012, pg. 15.

Um dos papéis da escola talvez seja o de educar no exercício da cidadania, no exercício de uma liberdade responsável, para quem, quaisquer que sejam as origens sociais, econômicas e culturais, os brasileiros ousem se afastar da apatia e participar⁸⁴.

Este trabalho defende que também o jornalismo, como outras instituições de comunicação, tem enorme potencial de ação nesse cenário. Para Guillermo Orozco, inclusive as instituições de mercado deveriam assumir o desafio imposto pela incorporação tecnológica a partir de sua própria especificidade, com o objetivo de contribuir para um futuro mais humanizado e democrático que o presente⁸⁵.

Não se trata, portanto, de negar as novas temporalidades, os agenciamentos de poder e o espaço virtual derivados da inserção maciça da tecnologia na sociedade, nem de assumir comunicação e educação como processos sociais redentores da desumanização crescente das relações entre indivíduos e países, mas de reconhecer que se afigura hoje um processo de decadência da centralidade de dominação pan-europeia e que esse processo abre precedentes para a ação revolucionária dos dois campos, que enfrentam contradições internas geradas pela nova ordem. Comunicação e educação podem se rearranjar em direção a um projeto reformista conservador ou em direção a um reformismo revolucionário dentro de um projeto de superação de formas capitalistas de existência⁸⁶.

Agora já identificamos os mecanismos de colonização e supressão da cidadania latentes na produção e incorporação tecnológicas, um processo que aponta para a continuidade, em novos formatos, dessas relações desumanizadas nos campos da comunicação e educação e finalmente ressaltamos a existência de uma abertura de possibilidades de ações que promovam a superação desses dois mecanismos. Cabe então esclarecer como a relação dialógica entre comunicação e educação pode trabalhar nesse sentido.

Sugerimos que uma das principais, entre as múltiplas, formas de ação do jornalista para garantia da cidadania e descolonização das mentes é sua contribuição para o conhecimento crítico de mecanismos da edição de mundo promovidos pela pedagogia e pela mídia e seus aparatos tecnológicos. Ao explorar o conceito de pedagogia, Muniz Sodré revela um ponto que consideramos aqui partilhado por estes dois sistemas de edição e mediação: o discurso. Segundo o autor, a pedagogia, doutrina

⁸⁴ PACHECO *apud* MOSÉ, 2012, pg. 154

⁸⁵ OROZCO, 1999, pg. 59

⁸⁶ SODRÉ, 2012, pg. 37

de fundamentos e orientação das práticas educacionais, é um discurso pelo qual, no limite, a educação fala sobre si mesma e persegue efeitos determinados sob um público específico⁸⁷.

Em A Ordem do Discurso, o filósofo Michel Foucault já apontava o discurso como campo de luta pelo poder e apresentava os sistemas de educação como instrumentos políticos de organização desses discursos:

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo⁸⁸.

Por seu lado, a comunicação e o jornalismo se apresentam como espaços de atravessamento de discursos. O comunicador é enunciador dos discursos em constante embate na sociedade, mediador da informação coletiva⁸⁹. A comunicação é, como descrita por Bakhtin, uma espécie de “fio dialógico” que conduz a relação entre os discursos, ao mesmo tempo em que revela a especificidade do discurso construído durante esse processo⁹⁰.

Hoje, o jornalista não detém instrumentos para participar dos processos educacionais apenas porque a construção de seu discurso é espaço de mediação, mas também porque emprega tecnologias da informação nessa mediação. Diferente da experiência que faz com que a tecnologia seja má utilizada nos meios escolares como simples instrumento de modernização, sem que se modifique o discurso pedagógico apoiado primordialmente na lógica do texto escrito, o jornalismo há tempos experimenta a edição de seu discurso no contexto das novas mídias. Se nenhuma das duas situações acompanha as necessidades históricas locais, favorecendo os interesses mercadológicos, o jornalista ao menos detém um primeiro instrumento para enfrentamento do desafio de instrumentar uma estratégia pedagógico-política que permita modificar aquilo que, aparentemente, é o curso natural e necessário das novas

⁸⁷ *Ibidem*, pg. 113

¹⁴ FOUCAULT, 1970, pg. 43

⁸⁸ FOUCAULT, 1999, pg. 12

⁸⁹ BACCEGA, 2001, pg. 8

⁹⁰ BAKHTIN, *apud* BACCEGA, 2001, pg. 8

tecnologias, para daí influir no seu desenvolvimento posterior⁹¹: está alfabetizado em suas linguagens.

Apesar de limitado por outros momentos de sua produção, o uso alternativo de uma tecnologia ganha espaço conforme cresce a demanda social por esse uso alternativo. Se as possibilidades de utilização das mídias da comunicação para educação são previamente editadas, é nesse cenário que se impõe a construção da cidadania⁹². Também para Baccega, a leitura crítica dos meios e mídias é o que permite o caminho do mundo editado a um mundo de pleno exercício da cidadania⁹³. Mas essa leitura crítica não é espontânea e prescinde de uma alfabetização, nos códigos característicos, próprios dos meios e tecnologias a serem usados⁹⁴. Para Orozco, o trânsito de um determinado uso dos meios e tecnologias da diversão e entretenimento para um uso destinado a objetivos de aprendizado e análise, não é espontâneo. Requer capacitação específica e especializada⁹⁵.

Nesse contexto são não apenas urgentes, mas também múltiplas, as funções do jornalista em um contexto em que comunicação, educação e novas tecnologias trabalhem a favor da demanda social, promovendo um uso humanizado das mídias em contextos educacionais descolonizados. A formação universitária de profissionais que atuem e pensem esse campo interdisciplinar é primordial para que se garanta uma postura crítica, e não utilitarista, diante de um dos maiores desafios da atualidade.

⁹¹ OROZCO, 1999, pg. 52

⁹² BACCEGA, 2001, pg. 10

⁹³ *Idem*.

⁹⁴ OROZCO, 1999, pg. 65

⁹⁵ *Ibidem*, pg. 66

3 – COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NO CURRÍCULO DO JORNALISTA

*“A educação é em primeiro lugar a aprendizagem do necessário,
depois da mudança e do variável.”
(Nietzsche⁹⁶)*

Diante da emergência de relações diversas entre os campos da educação e do jornalismo, em um meio social transformado pelas novas tecnologias, parecem necessárias modificações na formação dos profissionais que interagem com esses dois campos. Sodré assinala as mudanças requeridas pela nova configuração de mundo aos profissionais da educação:

Isso requer uma formação docente sem desajustes entre o projeto pedagógico formativo e as formas expressivas acionadas pelo *bios* virtual, desde aquelas características da mídia tradicional até as novíssimas práticas desenvolvidas na rede eletrônica⁹⁷.

De forma semelhante, os profissionais de comunicação, entre eles os jornalistas, deveriam estar inseridos neste panorama por suas instituições de formação, garantindo uma participação informada nos processos de reinvenção da educação.

Segundo dados do Inep, de 1980 a 2004, houve um crescimento de 78% no número de instituições privadas atuando somente no ensino superior⁹⁸. Portanto, é também urgente, avaliar se as formas de ensino das relações entre comunicação e educação, jornalismo e educação, tem privilegiado um modelo utilitarista, voltado para necessidade de criação de produtos comunicativos e educacionais para um mercado privado da educação, ou se tem o projeto de repensar e reconstruir criticamente a teoria e prática educacionais.

Nesse sentido, quais seriam as possibilidades de diálogos entre comunicação e educação que os currículos atuais de jornalismo já oferecem? O currículo de pedagogia também institucionaliza o encontro entre estas disciplinas? Jornalistas estariam interessados em estudar o tema? Quais são os modelos de estudo de comunicação e educação já implantados em escolas de comunicação, seus erros e acertos?

3.1 Comunicação, educação e diretrizes curriculares

⁹⁶ NIETZSCHE *apud* SODRÉ, 2012, pg. 18

⁹⁷ SODRÉ, 2012, pg. 204

⁹⁸ Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/educacenso/documentos/2013/folder_censo_escolar_educacao_basica_2013.pdf (acesso em 28 de novembro de 2013).

Para melhor investigar a necessidade e as possibilidades de inserção do estudo de comunicação e educação no curso de jornalismo da Escola de Comunicação da UFRJ é essencial que primeiro se faça a análise da mais recente diretriz curricular nacional proposta para os cursos de jornalismo do país.

Redigidas em 2009, as últimas diretrizes curriculares propostas aguardam homologação do ministro da educação desde fevereiro de 2013, data em que foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação⁹⁹. Sugeridas por uma comissão de especialistas nomeada pelo Ministério da Educação, as diretrizes curriculares foram produzidas através de uma metodologia que contou com três audiências públicas e consulta pública pela internet¹⁰⁰. Atualmente, sindicatos e observatórios de jornalismo pressionam o ministério, considerando urgente a homologação das novas diretrizes, que já aguardam três anos para serem postas em prática.

As diretrizes curriculares que vigoram hoje na área de comunicação social e suas habilitações foram homologadas em 2002, quando, após alguns anos de discussão, decidiu-se pela extinção do Currículo Mínimo vigente desde 1962¹⁰¹. Essa decisão aumentou a liberdade das instituições de ensino superior, conferindo maior autonomia na definição de seu projeto pedagógico e possibilidade de diminuição da carga horária de matérias obrigatórias. Escolhemos, no entanto, analisar as diretrizes em processo de aprovação por acreditar que elas representam as tendências mais recentes do ensino de jornalismo no Brasil.

O primeiro ponto passível de análise no novo documento é a forma como este apresenta as mudanças no cenário do jornalismo e o papel da tecnologia no novo contexto. Um capítulo é inteiramente dedicado à análise desse cenário. O principal argumento defendido é o de que a vertiginosa expansão tecnológica fortaleceu a democracia participativa fazendo com que o jornalismo deixasse de ser um processo inteiramente controlado pelo jornalista e com que as trocas de informação passassem a se estabelecer no âmbito das organizações e redes de cidadãos:

A atualidade fazia parte do jornalismo, ao qual servia como fonte de matéria-prima. Hoje, ao contrário, é o jornalismo que faz parte da

⁹⁹ Disponível em:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed749_diretrizes_curriculares_para_os_cursos_de_jornalismo (acessado em 15 de novembro de 2013).

¹⁰⁰ MELO *et al.*, 2009, pg. 2

¹⁰¹ Disponível em: <http://enecos.org/reuniao-de-grupo-de-estudo-e-trabalho-27-de-marco/> (acessado em 15 de outubro de 2013).

atualidade e a serve, com linguagem macro-interlocutória socialmente eficaz¹⁰².

Assim, as diretrizes parecem ter uma visão ampla sobre a influência das tecnologias da comunicação, que provocam mudanças não apenas no exercício do jornalista, mas também no meio social, cultural e político. Consideramos, no entanto, que o documento superestima o poder de ação dos sujeitos na atualidade, esquecendo que grande parte do processo tecnológico é orientado economicamente e alimentado por decisões apartadas da participação política cidadã. Por exemplo, quando afirma que:

A mais importante decorrência da vertiginosa evolução tecnológica é a irreversível expansão de práticas e estruturas de democracia participativa, com sujeitos sociais dotados de alta capacidade de intervenção na vida real de nações e pessoas¹⁰³.

Entre as propostas das novas diretrizes, figura a do fim da forma histórica de alocação do curso de jornalismo em cursos gerais de comunicação. Transparece na argumentação uma forte desconfiança nas relações entre jornalismo, comunicação e educação. Durante a ditadura brasileira, foi obrigatória a adoção de um modelo de ensino de jornalismo proposto pela UNESCO aos países do Terceiro Mundo. Esse modelo propunha que todas as profissões da comunicação se transformassem em uma só e incentivou a construção de um currículo mínimo para todas essas habilitações. O projeto defendia que países considerados subdesenvolvidos não precisavam de jornalistas, mas de comunicadores sociais que estimulassem o desenvolvimento econômico e o educacional. É claro que as propostas desta pesquisa, de uso do jornalismo para estímulo do desenvolvimento de novos modelos educacionais, passam longe do desenvolvimento pensado pelos governos militares e instituições de controle internacional, que na época pretendiam limitar uma profissão responsável pela fiscalização do poder. Mas esse dado histórico certamente apresenta reflexos nas relações entre jornalismo e educação no interior das universidades hoje.

Há momentos do texto das novas diretrizes em que a relação dialógica entre comunicação e educação parece ser vista como desejável. Três tipos de integração são repetidamente citados no projeto pedagógico e na organização de curso propostos, a interdisciplinaridade, a integração entre teoria e prática e a integração entre graduação e pós-graduação. As três propostas poderiam ser fortalecidas pela inserção de disciplinas dedicadas a explorar as relações entre comunicação e jornalismo no currículo, já que

¹⁰²MELO *et al.*, 2009, pg. 6

¹⁰³*Idem.*

isso seria um claro estímulo: à integração entre disciplinas, ao engajamento da prática jornalística na realidade e à integração entre graduação e pós-graduação porque, como veremos adiante, os estudos do campo de comunicação e educação se encontram hoje restritos aos cursos de pós-graduação.

As direções para as quais deve estar voltado o exercício dos jornalistas, de acordo com o documento das diretrizes, são semelhantes às aquelas que apontamos no início do trabalho como direções que seriam fortalecidas por uma ação conjunta de jornalismo e educação. O documento afirma ser indispensável uma noção de Ética vinculada às razões da Vida e da Cidadania¹⁰⁴ e chega a sublinhar a importância de uma ação pedagógica do jornalista na prestação de serviço público. Há, no entanto, uma apropriação de valores universalistas que boicotam a ideia de alfabetização e educação para uso alternativo da tecnologia para um desenvolvimento muito específico da cidadania e descolonização das mentes na América Latina, como mostra a passagem:

A Ética que interessa à sociedade e ao jornalismo é aquela definida e sintetizada na Declaração Universal dos Direitos Humanos. É o ideário de um mundo a construir e o compromisso politicamente assumido de construí-lo. É, também, o referencial cultural mais avançado e sábio a que o jornalismo e os Jornalistas se devem ater, na relação crítica com a realidade próxima a transformar¹⁰⁵.

Talvez a questão mais importante levantada pelo documento, seja a discussão sobre o próprio ensino do jornalismo. As novas diretrizes afirmam que a educação brasileira desafia os jornalistas brasileiros a mais de um século¹⁰⁶ e esse desafio não está apenas nas manchetes sobre a educação nacional. Acumulamos uma história em ensino de jornalismo de pelo menos seis décadas¹⁰⁷ e essa história aponta para o crescimento da oferta de cursos em todo país. Se em 1935 tínhamos a fundação primeiro curso de jornalismo pelo educador Anísio Teixeira, criado sob demanda de uma industrialização da imprensa e extinto com o fim da Universidade do Distrito Federal pelo Estado Novo, hoje temos cerca de 300 cursos superiores de jornalismo em universidades e outras instituições de ensino superior brasileiras¹⁰⁸. Se outrora tivemos pedagogias fundadoras do ensino de jornalismo no país, propostas por educadores como Cásper Líbero, Danton Jobim, Luiz Beltrão, hoje temos organizações como a ENECOS (Executiva nacional de

¹⁰⁴ MELO *et al.*, 2009, pg. 7

¹⁰⁵ *Idem.*

¹⁰⁶ *Idem.*

¹⁰⁷ *Ibidem*, pg. 8

¹⁰⁸ *Idem.*

estudantes em comunicação social) criando campanhas contra a aprovação das novas diretrizes para ensino de jornalismo¹⁰⁹ enquanto entidades como a SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo) divulga comunicados pedindo sua urgente aprovação¹¹⁰.

A inclusão de matérias de comunicação e educação no ensino de jornalismo contribuiria para capacitação dos jornalistas para que entrem na discussão sobre sua própria educação que, longe de ser um consenso, se apresenta como um campo de constante disputa. Nenhum dos mecanismos sugeridos neste trabalho para ação do jornalista como facilitador da apropriação social de tecnologias, por meio do ensino das novas linguagens, funcionará se o jornalista não for capaz de opinar criticamente a respeito de seu próprio ensino, utilizando para isso os meios democráticos disponíveis para a construção de currículos e tomadas de decisões sobre o campo enquanto campo profissional.

Antes de passar a uma análise do histórico curricular e das diretrizes que regem o curso de comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ, faremos uma breve análise de pontos das diretrizes curriculares propostas para o curso de pedagogia que indiquem também por parte deste campo uma necessidade de interação com o campo do jornalismo e da comunicação.

Após anos de esforço epistemológico para definição de seu campo o curso de pedagogia começa, a partir da década de 80, a atender às exigências do momento histórico e passar por reformas curriculares em diversas universidades¹¹¹. Hoje, o curso apresenta grande diversificação curricular e entre as diversas opções oferecidas ao graduando estão, de acordo com o último projeto de diretrizes curriculares, aprovado em 2005 e reexaminado por parecer em 2006, a educação a distância e as novas tecnologias de informação e comunicação aplicadas à educação, e atividades educativas em instituições não escolares, comunitárias e populares¹¹².

Outros momentos do documento apresentam como desejável a presença da comunicação na ação pedagógica. Quando se fala, por exemplo, de aptidões esperadas dos egressos do curso:

Relacionar as linguagens dos meios de comunicação aplicadas à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio

¹⁰⁹ Disponível em: <http://enecos.org/reuniao-de-grupo-de-estudo-e-trabalho-27-de-marco/> (acessado em 15 de outubro de 2013).

¹¹⁰ Disponível em: <http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?p=11805> (acessado em 15 de outubro de 2013).

¹¹¹ CRAVEIRO; SILVA, 2005, pg. 3

¹¹² *Ibidem*, pg. 4

das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas¹¹³.

O texto também defende amplamente a pluralidade de conhecimentos, a interdisciplinaridade, a pertinência e a relevância social do repertório de informações com o qual deverá contar esta formação profissional.¹¹⁴ Mas o maior indício de que o exercício de profissionais da educação está aberto ao diálogo com a comunicação é o reconhecimento da docência em instituições e processos chamados de não escolares. A expressão, presente em diversos momentos das diretrizes curriculares, indica o reconhecimento de diversos processos, como o tecnológico, como possíveis práticas educativas.

Não cabe aqui analisar a pertinência ou existência de disciplinas de comunicação e educação no interior dos cursos de pedagogia. Mas a análise das diretrizes curriculares do curso, que indicam grande pertinência do argumento de que os campos das duas graduações encontram-se profundamente interligados atualmente, corrobora o argumento de que esta relação deve ser também analisada em espaços de graduação do campo da comunicação, como o curso de jornalismo.

3.2 Comunicação e educação na Escola de Comunicação da UFRJ

Após a análise das diretrizes curriculares nacionais para o curso de jornalismo e das diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia, iniciaremos uma análise da última reforma curricular realizada na Escola de Comunicação da UFRJ, buscando mais informações que indiquem que hoje as disciplinas de comunicação e educação são convergentes e que seu estudo é essencial para a formação dos jornalistas. A Escola, local onde é realizada esta pesquisa, e seus alunos, foram escolhidos como caso a ser analisado porque apesar de sua reforma curricular apontar direções afins ao estudo da relação dialógica entre comunicação e educação, a ECO não oferece ainda disciplina sobre este tema.

A Escola de Comunicação da UFRJ (ECO) abriga um dos cursos de jornalismo mais antigos do país. Iniciado em 1947 na Faculdade Nacional de Filosofia, o curso hoje faz parte de uma unidade autônoma, a Escola de Comunicação da UFRJ que, instalada no palácio universitário da Praia Vermelha, possui cerca de mil alunos

¹¹³ *Ibidem*, pg. 8

¹¹⁴ *Ibidem*, pg. 6

matriculados e oferece quatro habilitações, apesar da entrada única: jornalismo, publicidade e propaganda, rádio e TV e produção editorial¹¹⁵.

A última reforma curricular realizada na ECO é resultado de um projeto iniciado em 1998 e concluído em 2001. O novo currículo teve de ser proposto diante da mudança ocorrida no modelo nacional quando o Currículo Mínimo foi substituído, após 17 anos de vigência, pelas diretrizes curriculares para Área de Comunicação social e suas habilitações. A reforma também respondeu a uma avaliação realizada por comissão de especialistas do MEC que, em 1999, emitiram um parecer criticando o currículo em vigor na escola por sua defasagem em relação às transformações ocorridas na profissão¹¹⁶.

As mudanças mais significativas promovidas pela reforma curricular de 2001 foram permitidas porque as diretrizes curriculares passam a dar maior autonomia à Universidade, reduzindo em 50% as disciplinas de caráter obrigatório do curso de Comunicação Social¹¹⁷. Além de incentivar a transdisciplinaridade pelo aumento do leque das disciplinas oferecidas¹¹⁸, o que potencialmente estimula a relação da comunicação com outros campos, como o da educação, o projeto aponta como benefício da redução de disciplinas obrigatórias a possibilidade de atualização contínua do curso:

Cabe dizer ainda que a comunicação e suas habilitações, juntamente com a Medicina e as Engenharias, estão no centro das transformações promovidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação nos modos de produzir, processar, distribuir e receber mensagens. Para tornar concreta essa mudança, observamos que o currículo anterior foi montado quando ainda não tinha sido aprofundada a revolução digital nem surgido o WWW. E certamente as mudanças não dão sinais de esgotamento. Desse modo, um currículo flexível, com maior número de disciplinas eletivas, permite a atualização continuada dos conteúdos ao mesmo tempo em que esclarece e reforça as competências básicas dos profissionais de comunicação¹¹⁹.

Já demonstramos nesta pesquisa que a relação da comunicação, mais especificamente do jornalismo, com a educação, é uma relação emergente justamente dos novos modos de sociabilidade decorrentes da proliferação das novas tecnologias da comunicação e da informação. O último projeto da reforma curricular para os cursos de comunicação social da UFRJ abre, portanto, precedentes para que sejam analisadas

¹¹⁵ Disponível em: <http://www.eco.ufrj.br/portal/news/historic/historic.html> (acessado em 22 de novembro de 2013).

¹¹⁶ ECO/UFRJ, 2001, pg. 6

¹¹⁷ *Ibidem*, pg. 2

¹¹⁸ *Ibidem*, pg. 4

¹¹⁹ *Ibidem*, pg. 4

hipóteses como a dessa pesquisa, que sugere que o surgimento de um novo diálogo disciplinar pode trazer grandes contribuições para a formação de profissionais de jornalismo.

A última reforma curricular da UFRJ não considera a proposta de diretriz curricular para o curso de jornalismo analisada no item 3.1 desta pesquisa, já que este último projeto ainda não foi aprovado pelo Ministério, não tendo a Escola que se adaptar a ele. Mas muitas das características da diretriz curricular nacional que ainda vigora no país, adotadas pela proposta de reformulação curricular da Escola de Comunicação da UFRJ, já apontam para um perfil de jornalista que acreditamos ser o agente capaz de utilizar a comunicação e educação em prol da cidadania e da descolonização cultural.

Além de sugerirem uma mudança na relação da comunicação com as demais ciências humanas na cultura contemporânea:

A crescente importância dos meios de comunicação na cultura contemporânea inverte a relação entre ciências humanas e comunicação. Anteriormente, as ciências humanas tinham os seus objetos específicos – o homem, a sociedade, a cultura, a linguagem – e era a partir desta definição do objeto que podiam esclarecer as práticas de comunicação. Hoje, ao contrário, é o estudo da relação entre os meios de comunicação e sociedade que passa a constituir o objeto principal das ciências humanas¹²⁰.

Trechos da diretriz curricular nacional reproduzidos no projeto de reformulação curricular de ECO também corroboram o argumento de que é necessária uma constante reelaboração de disciplinas para que a formação profissional acompanhe as mudanças nas demandas sociais, ressaltando como característica esperada dos cursos:

A abertura do currículo para a incorporação, sempre que necessário, de novas disciplinas que possibilitem o acompanhamento das mudanças tecnológicas e a abertura de novas modalidades de linguagem e comunicação¹²¹.

Os trechos também ressaltam como esperadas do egresso no curso competências que reflitam a variedade e mutabilidade de demandas sociais e profissionais na área, propiciando uma capacidade de adequação à complexidade e velocidade do mundo contemporâneo¹²².

O documento da reforma curricular do curso de Comunicação Social da UFRJ propõe projetos pedagógicos divididos por habilitações. Na proposta destinada à

¹²⁰ ECO/UFRJ, 2001, pg. 14

¹²¹ *Ibidem*, pg. 15

¹²² *Idem*.

habilitação de jornalismo encontramos também um perfil de egresso que valoriza a visão integrada dos processos comunicacionais que acontecem na sociedade e compreensão dos mecanismos envolvidos nos processos de recepção das mensagens e seu impacto sobre diversos setores dessa sociedade¹²³. O estudo dos diálogos entre os processos de comunicação e educação é, hoje, primordial para um entendimento diverso dos processos comunicacionais e contribui para uma compreensão crítica e ativa dos processos de transmissão de recepção de mensagens midiáticas.

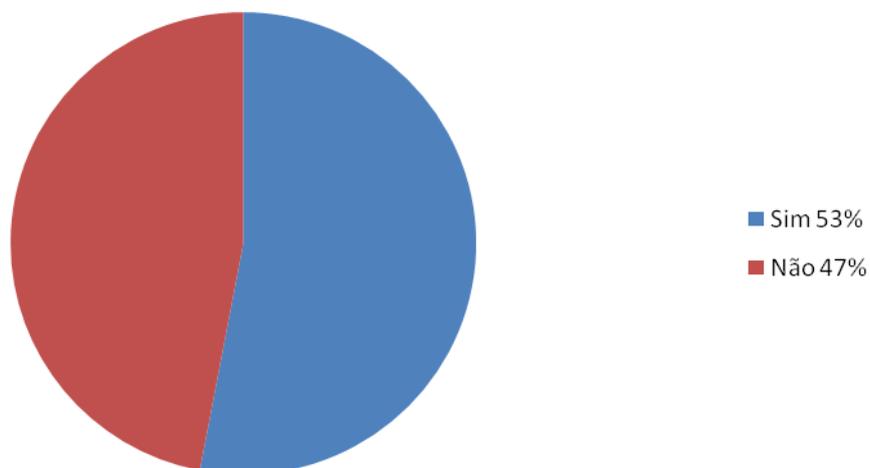
Apesar de abordar em sua última reforma curricular diversos pontos que permitiriam analisar comunicação e educação como um campo disciplinar importante para a formação dos jornalistas na Universidade, a ECO ainda não ingressou nesse campo de estudos. Nenhuma das disciplinas dos três tipos propostas para o curso em 2001, obrigatórias do ciclo básico, obrigatórias de habilitação, eletivas condicionadas de habilitação ou eletivas condicionadas de teoria, sugere em suas ementas abordagens sobre os diálogos entre comunicação e educação. Durante o ano de 2013, nenhuma das disciplinas oferecidas pela Escola aos alunos abordava o tema, que só é estudado em disciplina obrigatória do curso de pedagogia da UFRJ.

Uma pesquisa online sobre o campo da comunicação e educação foi realizada com 30 alunos do curso de jornalismo da Universidade, de todos os períodos. A intenção era descobrir se, a despeito a orientações curriculares e da inexistência de uma disciplina sobre o tema, os alunos identificavam nele alguma importância, manifestando a vontade de cursar matérias que tratem das relações entre comunicação e educação. Durante dois meses, a pesquisa permaneceu online na plataforma “*Google Drive*” oferecendo aos alunos três perguntas curtas, com possibilidade de dupla escolha (respostas sim e não), sem a possibilidade de edição de alternativas. As perguntas tinham a intenção de investigar se os alunos já tinham ouvido falar no campo de estudos, se já tinham lido textos acadêmicos ou visto palestras sobre o tema e se fariam matrícula em uma disciplina que se dedicasse ao estudo de comunicação e educação.

Os resultados da pesquisa mostraram que a maioria dos alunos, entrevistados na Escola de Comunicação da UFRJ, já ouviu falar sobre o campo de estudos que explora a relação da comunicação com a educação, mas que uma parte significativa, 47%, afirma desconhecer completamente o tema, como ilustra o gráfico abaixo:

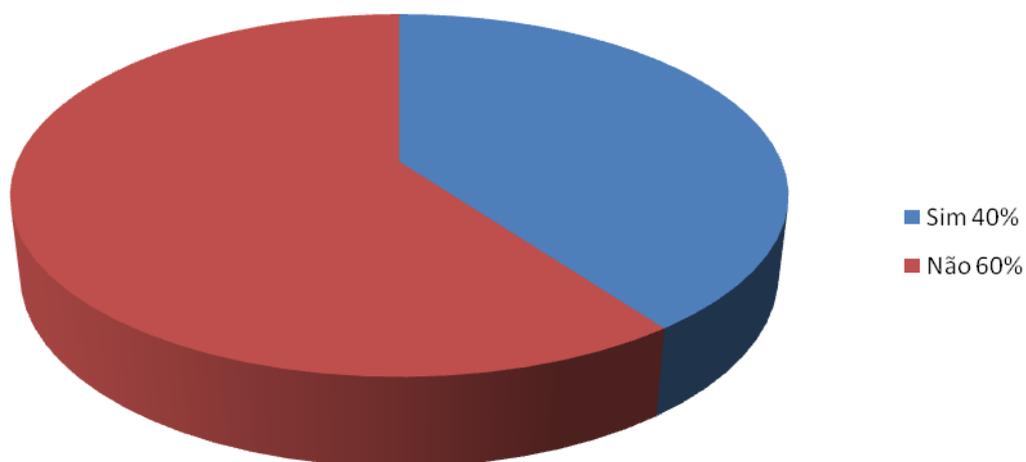
¹²³ECO/UFRJ, 2001, pg. 23

Já ouviram falar sobre o campo "comunicação e educação"



Mesmo tendo algum conhecimento sobre a existência de estudos dedicados à comunicação e educação, a maioria dos futuros jornalistas entrevistados na Escola de Comunicação da UFRJ mostrou que este é um conhecimento superficial, já que a partir daí apenas 40% tiveram a oportunidade de ler textos acadêmicos ou participar de palestras e apresentações sobre o tema:

Já leram textos ou compareceram a palestras sobre comunicação e educação



Questionados sobre a possibilidade de cursar uma disciplina de comunicação e educação na Escola caso ela fosse oferecida, 23 alunos, a grande maioria dos entrevistados, respondeu que gostaria sim de se inscrever na disciplina:



A pesquisa demonstra, então, que os próprios alunos do curso de jornalismo da Universidade já são capazes de reconhecer a importância e necessidade do estudo de comunicação e educação para sua formação acadêmica e, portanto, para a formação do jornalista.

A existência de uma disciplina obrigatória sobre o tema no curso de pedagogia, funcionando no mesmo prédio que a Escola de Comunicação da UFRJ, mostrou não ser suficiente para promover um contato concreto dos alunos de jornalismo com o tema da comunicação e educação que permanecem completamente ignorantes ou conhecendo superficialmente o assunto.

A pesquisa aponta uma dissonância entre a realidade da ECO e sua proposta curricular, anteriormente analisada, identificando um atraso entre as disciplinas oferecidas e os conhecimentos atualmente importantes para os profissionais da área.

3.3 Experiências da USP e outros núcleos de estudos

O interesse das Universidades brasileiras pelo ensino e pesquisa no campo de educação e comunicação tem se expandido nos últimos anos. Um núcleo de estudos inaugurado na Universidade de São Paulo (USP) em 1986, por exemplo, já evoluiu para uma pós-graduação e uma licenciatura. No Rio de Janeiro, a Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) anunciou para o segundo semestre de 2014 a inauguração do curso de bacharelado Criação e Gestão de Mídias em educação¹²⁴. A Universidade de Campina Grande/PB, já possui também um bacharelado dedicado à educomunicação¹²⁵.

As investigações sobre o tema são crescentes também em congressos nacionais, como a Sociedade Interdisciplinar para os Estudos da Comunicação (Intercom), que possui há mais de dez anos um grupo de trabalho sobre o assunto. De 1999 a 2009, a média de trabalhos inscritos neste grupo pulou de um para 61¹²⁶. A ementa do GT, hoje intitulado comunicação e educação, reconhece a expansão da relação dialética entre as duas disciplinas:

O GT busca criar um espaço para o debate de um campo emergente de pesquisa e da prática profissional, este campo que se fundamenta a partir da interdisciplinaridade entre as mídias e educação. Ao formar agentes comunicacionais e educacionais, a universidade constrói novos paradigmas para o entendimento teórico e prático, articulados entre o domínio das linguagens e os modelos de produção em diferentes mídias, em composição com o entendimento da educação enquanto processo de construção crítica da sociedade¹²⁷.

O país já possui uma Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais de Educomunicação, a ABPEducom, cuja diretoria tem representações em São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Distrito Federal e Mato Grosso¹²⁸. Junto ao Núcleo de Comunicação e Educação da USP, a associação promoveu, em 2011, a comemoração do que considerou a década da educomunicação, iniciada no ano de 2001¹²⁹.

Pioneira na pesquisa em comunicação e educação, a USP inaugura em 1986 os trabalhos do Núcleo Comunicação e Educação – NCE realizando uma pesquisa integrada sobre o que especialistas de 12 países da América Latina e países Península

¹²⁴ Disponível em <http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/puc-rio-lanca-novo-curso-de-graduacao> (acessado em 01 de novembro de 2013).

¹²⁵ MESSIAS, 2010, pg. 4

¹²⁶ *Ibidem*, pg. 13

¹²⁷ Disponível em

http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1440:ementas-dos-gts&catid=186 (acessado em 01 de novembro de 2013).

¹²⁸ Disponível em <http://www.cca.eca.usp.br/node/1076> (acessado em 01 de novembro de 2013).

¹²⁹ *Idem*.

Ibérica pensavam sobre o tema¹³⁰. No congresso anual da Intercom de 1999, é apresentada pela primeira vez uma denominação para este novo campo, que passa a ser chamado por alguns estudiosos da Universidade de *educomunicação*¹³¹.

Apropriado a partir dos resultados das pesquisas do NCE junto à América Latina, o termo *educomunicação* foi cunhado por Kaplún¹³² sendo posteriormente definido pelo NCE como:

O espaço onde membros da sociedade se encontram para pôr em prática ecossistemas comunicativos democráticos, abertos e participativos, impregnados da intencionalidade educativa e voltado para implementação dos Direitos Humanos, especialmente do direito à comunicação¹³³.

Mesmo sem o consenso sobre a atribuição do nome ao que passam a considerar um novo campo autônomo de conhecimento, pesquisadores do Núcleo, como Soares e Baccega, coordenam suas pesquisas em direção à fundamentação da existência de um macrocosmo cuja autonomia está centrada em leis próprias, distintas em relação aos campos científicos da comunicação e da educação¹³⁴.

Em 2009, o Conselho Universitário da Universidade de São Paulo (USP) aprova a criação do curso de licenciatura em *educomunicação* no Departamento de Comunicação e Artes. Na época, a implementação do curso obteve 67 indicações de um total de 86 votantes¹³⁵. O curso, de duração de quatro anos, tem início no primeiro semestre de 2011 e, segundo um dos idealizadores do projeto, professor Ismar de Oliveira Soares, a pretensão da licenciatura seria:

Potencializar as ações desses profissionais (educadores), assim como as práticas dos que, nos meios de comunicação, especialmente jornais, emissoras de rádio e de TV, se dedicam à comunicação educativa¹³⁶.

Mesmo com mais de vinte anos de experiência na área, lançando propostas como a do professor Ismar de Oliveira Soares, que pretende a integração dos profissionais que atuam nos meios de comunicação às práticas consideradas educacionais, a Universidade de São Paulo ainda não promove o estudo do tema nos níveis da graduação. Concentrado em conceituar o que defende ser um novo campo autônomo de

¹³⁰ MESSIAS, 2010, pg. 1

¹³¹ *Ibidem*, pg. 29

¹³² MOSTAFA, 2002, pg. 2

¹³³ SOARES, 2005, pg. 1

¹³⁴ MESSIAS, 2011, pg. 3

¹³⁵ Disponível em <http://agencia.fapesp.br/11396> (acessado em 01 de novembro de 2013).

¹³⁶ *Idem*.

conhecimento, o NCE parece ignorar a necessidade de conhecimento do campo pelos alunos da área de comunicação. Na grade de disciplinas oferecidas em 2013, o curso de jornalismo a USP não oferecia nenhuma matéria, de caráter obrigatório ou optativo, sobre *educomunicação* ou comunicação e educação¹³⁷.

Uma pesquisa realizada dentro da própria instituição¹³⁸ mostrou que pesquisadores da Intercom que participavam do grupo de pesquisa de comunicação e educação no ano de 2010 tinha nível de formação em Mestrado com qualificação, ou superior. Nenhum trabalho inscrito neste núcleo foi elaborado por alunos de graduação, quem têm a oportunidade de participar dos grupos de pesquisa desde 2005, quando foi criada a Intercom Jr¹³⁹. Esses dados corroboram o argumento de que os estudos sobre comunicação e educação têm estado restritos a uma parcela da comunidade universitária, ignorando-se a capacidade de ação de profissionais como o jornalista, dentro do novo campo.

A mesma pesquisa também constatou que a maioria dos pesquisadores que apresentam trabalhos sobre o tema no grupo de trabalho da Intercom, 55%, são formados em habilitações do curso de Comunicação Social¹⁴⁰. Os cursos de graduação que lideram a participação nas pesquisas em comunicação e educação, não possuem, no entanto, em Universidades como a USP e UFRJ, matérias que introduzam o estudo no campo para seus alunos de graduação. A tendência de formação de novos cursos superiores dedicados ao tema, como na USP, na Universidade de Campina Grande/PB e na PUC-Rio, foi, no entanto, aprovada apenas por 23% dos entrevistados, que disseram concordar que o campo de comunicação e educação fosse transformado em um curso superior¹⁴¹. A pesquisa não investigou sobre a concordância ou não dos entrevistados com a inserção desta disciplina nas graduações de comunicação ou educação.

Liderando no Rio de Janeiro a criação de cursos de graduação em comunicação e educação, a Pontifícia Universidade Católica inicia em agosto de 2014 um curso de bacharelado em Criação e Gestão de Mídias em Educação, abrindo 30 vagas para sua

¹³⁷ Disponível em

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=27&codcur=27011&codhab=402&tipo=N&print=true> (acessado em 01 de novembro de 2013).

¹³⁸ MESSIAS, 2010, pg.16

¹³⁹ Disponível em

http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3064%3Aespecial-35-anos-intercom-jr-abre-portas-a-estudantes-da-graduacao&catid=235&Itemid=103 (acessado em 01 de novembro de 2013).

¹⁴⁰ MESSIAS, 2010, pg. 15

¹⁴¹ *ibidem*, pg. 26

primeira turma. O curso foi construído durante três anos e teve como ponto de partida uma especialização em mídias e tecnologias, que a universidade privada começou a oferecer em 2004. De acordo com sua coordenadora, a professora Rosália Duarte, o curso foi criado sob a demanda de empresas que procuravam profissionais para atuar na área, o que justifica a escolha pela modalidade de bacharelado¹⁴². Ainda segundo Rosália, as empresas alegavam que:

os profissionais da área da comunicação eram competentes no domínio de mídia, mas não tinham formação sobre e de educação suficiente para o que elas necessitavam¹⁴³.

Apesar do incentivo à interdisciplinaridade - os alunos do novo curso da PUC-Rio cursarão algumas das mesmas disciplinas oferecidas a alunos de educação, Comunicação Social, Direito, Sociologia, Informática, Artes & Design, Administração e Psicologia – e do reconhecimento de possíveis impactos do bacharelado em Criação e Gestão de Mídias em Educação na formação de alunos de pedagogia, que poderão cursar as disciplinas criadas para a nova graduação, não há indícios da introdução de estudos sobre comunicação e educação no Departamento de Comunicação¹⁴⁴. Na grade do segundo semestre de 2013, assim como no curso de jornalismo da USP e no curso de jornalismo da UFRJ, a PUC-Rio não oferece nenhuma disciplina obrigatória optativa de Comunicação Social¹⁴⁵.

A Universidade de Campina Grande/PB desenvolveu uma proposta diferente criando, em 2009, junto ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), um Bacharelado em Comunicação Social com ênfase em Educomunicação. Alocado na unidade de Acadêmica de Arte e Mídia, o curso não oferece nenhuma outra habilitação, como o jornalismo¹⁴⁶.

Analisando as experiências, antigas ou iniciais, de ensino de comunicação e educação, ou *Educomunicação*, no país, percebemos que apesar de terem como fontes o desejo de ampliação do que é unanimemente reconhecido como um novo campo, ou a necessidade de preencher lacunas de mercado que consideram insuficiente a formação de jornalistas e educadores, essas iniciativas privilegiam a criação de novas estruturas de cursos à inserção do estudo de comunicação e educação nas graduações já existentes.

¹⁴² Disponível em <http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/puc-rio-lanca-novo-curso-de-graduacao> (acessado em 01 de novembro de 2013).

¹⁴³ *Idem.*

¹⁴⁴ *Idem.*

¹⁴⁵ *Idem.*

¹⁴⁶ Disponível em <http://educomufcg.wordpress.com/> (acessado em 01 de novembro de 2013).

Contrariando o que defende esta pesquisa, o processo de absorção do campo da comunicação e educação pelas universidades tem desconsiderado o enorme potencial de intervenção do profissional de jornalismo em processos educacionais que utilizem as tecnologias da comunicação para a construção de uma cultura de descolonização cultural e empoderamento crítico e cidadão dos processos tecnológicos e comunicacionais.

4–REINVENTANDO O JORNALISMO E A EDUCAÇÃO

“Criatividade é uma espécie de desafio do possível ao atual.”
(Muniz Sodré¹⁴⁷)

Como primeira forma de conclusão, depois de ter recorrido às análises curriculares como forma de vincular educação e jornalismo, e de ter empreendido uma busca pelo lugar desse campo nas estruturas curriculares do jornalista, nosso trabalho retoma seu início para apontar com mais clareza algumas possibilidades de reinterpretação da educação, a partir do jornalismo, que conflua para uma realidade mais diversa (entendida aqui como a realidade que elege uma diversidade simbólica, diversas formas de conhecer, no lugar do primado do universalismo pan-europeu) e radicalmente democrática.

Uma das principais características dos novos modos de organização do espaço urbano, por efeito das transformações impostas pelo capitalismo flexível¹⁴⁸ e pela disseminação das novas tecnologias da comunicação e informação, é o refortalecimento da ideia de comunidade. Sodré diz:

A comunidade reaparece como uma questão, não mais apenas em seus aspectos topológicos, mas entre suas possibilidades de relações humanas requeridas pelo novo socius¹⁴⁹.

Parece essencial, em um processo de construção de falas autônomas sobre a educação, levar em consideração as possibilidades da dimensão comunitária dos sistemas educacionais, considerados em sua amplitude. Freire já identificava com clareza esta dimensão quando descrevia a educação como um diálogo¹⁵⁰ e muitos educadores desenvolveram atividades concretas baseados na ideia de uma escola comunitária em sua gestão¹⁵¹, como José Pacheco, com o modelo comunitário da Escola da Ponte¹⁵², em Portugal.

Uma das possibilidades de redefinição dos modelos de educação que pretendem valorizar a pluralidade poderia, portanto, ser criada a partir da ideia de construção comunitária, baseada na autonomia local. O conceito de local é definido por Sodré

¹⁴⁷ SODRÉ, 2012, pg. 106

¹⁴⁸ *Ibidem*, pg. 88

¹⁴⁹ *Idem*.

¹⁵⁰ FREIRE *apud* MOSÉ, 2013, pg. 88

¹⁵¹ GADDOTTI *apud* MOSÉ, 2013, pg. 130

¹⁵² MOSÉ, 2013, pg. 287

como o espaço gerador das possibilidades de caracterizar a ação humana como propriedade ou especificidade de um território¹⁵³. E entendido como:

Condição de possibilidade de uma ética, entendida como apropriação concreta comunitária de valores. Ideia muito pertinente à esfera educacional quando se cogita a diferença entre uma educação ideológica e uma educação crítica, universalmente racional¹⁵⁴.

O jornalismo poderia agir como forte aliado na construção comunitária de novos significados para a educação. Essa função não é apenas bem vinda como já dá indícios de surgimento através do fortalecimento das expectativas sociais a respeito do exercício do jornalista como um mediador pedagógico da informação, como revela o documento que propõe as novas diretrizes curriculares nacionais para o curso:

Do Jornalismo que hoje está nas expectativas da sociedade exige-se o manejo competente das habilidades pedagógicas na prestação de serviço público, para que os cidadãos possam tomar decisões conscientes e responsáveis¹⁵⁵.

O que grande parte do jornalismo tem oferecido hoje, ao contrário do proposto, se aproxima mais do desserviço às possibilidades de construção comunitária da educação. Muitas vezes colocada de modo enviesado na mídia¹⁵⁶, a educação é retratada com superficialidade pelos veículos de jornalismo, que se mostram, por exemplo, frequentemente incapazes de empreender uma difusão qualificada do saber, prestigiando os “especialistas do dizer” no lugar dos intelectuais verdadeiramente informados¹⁵⁷.

Hoje, a definição de “serviço público” da mídia serve, antes de tudo, como alibi para sua estrutura profundamente excludente e burocrática. Sodré exemplifica a crítica em seu discurso sobre a radiodifusão:

A expressão “serviço público”, que consta do marco regulatório estabelecido para a radiodifusão brasileira, é uma fórmula retórica que tenta esconder a formação de uma esfera pública elitista, fruto de burocracia estatal e autoritarismo político¹⁵⁸.

A participação do jornalismo em uma dinâmica de valorização da discussão pública da educação não é apenas exigência de um sistema externo de causas, mas é também exigência para a garantia de democracia para o próprio jornalismo. Uma forma

¹⁵³ SODRÉ, 2012, pg. 87.

¹⁵⁴ *Ibidem*, pg. 82.

¹⁵⁵ MELO *et al.*, 2012, pg. 10

¹⁵⁶ GADDOTTI *apud* MOSÉ, 2013, pg. 130

¹⁵⁷ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=G9WoAjHEGbc> (acesso em 28 de outubro de 2013).

¹⁵⁸ SODRÉ, 2012, pg. 164

de atuação engajada na construção de uma nova educação, atenta à dimensão cultural das modificações tecnológicas e preocupada com a democratização dos novos códigos responsáveis por mediar e editar o mundo contemporâneo, é uma forma de preparação para as novas narrativas na mídia. Se realizada de forma a gerar uma apreensão crítica deste fenômeno, esta preparação pode significar um engajamento da sociedade na garantia da liberdade dos novos fluxos narrativos, da liberdade informacional¹⁵⁹. A disseminação das novas possibilidades de expressão representa uma ameaça virtual aos velhos segredos de estado¹⁶⁰.

Na relação com a proposta de revisão dos modelos tradicionais de educação, o jornalismo também é convidado a se reinventar. Não é mais possível que os dois campos permaneçam encerrados em seus terrenos estritos, mas devem sair às ruas, para os espaços públicos, e se abrir para o mundo¹⁶¹. Uma das possibilidades para esta abertura é através da esfera comunitária, porque, hoje:

O que está em jogo é a ideia de participação. Para que se tenha uma comunidade e não meramente uma associação de indivíduos, é preciso que estes se constituam como membros efetivos (cidadãos) por meio de seu engajamento constante nas atividades coletivas e a partir das consequências compartilhadas destas atividades¹⁶².

¹⁵⁹ GADDOTTI *apud* MOSÉ, 2013, pg. 130

¹⁶⁰ SODRÉ, 2012, pg. 164

¹⁶¹ JINKINGS *apud* MÉSZÁROS, 2008, pg. 10

¹⁶² SODRÉ, 2012, pg. 90

5 - PARA TECER CONCLUSÕES

Este trabalho se atreveu a aceitar um convite, o de contribuir para uma reinvenção da educação, redescrivendo-a a partir de sua relação com a comunicação e o jornalismo. Nosso percurso, ainda longe de um término definitivo, já apontou conclusões importantes, como a de que a mídia é hoje um espaço de socialização que compete com a escola tradicional, a de que as relações entre as disciplinas de comunicação e educação são crescentes na atualidade, a de que a ação do jornalista é mais que pertinente na construção de novos cenários educacionais e também a de que a inserção de disciplinas sobre comunicação e educação nos cursos de graduação em jornalismo (hoje inexistentes por falha das experiências de ensino do tema já realizadas), poderia levar a um sem número de novas conclusões interessantes sobre o tema.

No momento em que finalizamos esta etapa escrita da pesquisa, dito assim porque muito se passou para além das páginas escritas, percebemos que ela nos reservou surpresas, necessidades e possibilidades que não esperávamos encontrar. Analisar as propostas curriculares que regem os cursos de jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ (ECO) e em todo país, por exemplo, permitiu conhecê-los pela primeira vez, evidenciando a verticalidade de um processo de construção de currículos que em pouquíssimas situações permite a participação do aluno. Ao mesmo tempo, nos surpreendeu a capacidade, expressa pelos alunos da ECO, de, apesar do pouco contato com o estudo de comunicação e educação, identificar importância do tema para sua própria formação.

Guiados pelos alunos da ECO, elegemos, sem dúvidas, como principal desdobramento que gostaríamos que este trabalho suscitasse que diretores responsáveis pudessem considerar a inserção de uma disciplina de comunicação e educação no curso de jornalismo da Universidade, diante de toda a argumentação desenvolvida e dos resultados da pesquisa quantitativa. Se homologadas pelo ministro da educação, as diretrizes nacionais aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação exigirão adequações das Universidades e este pode ser um momento oportuno para esta atualização curricular.

Outros múltiplos aprofundamentos também poderiam ser gerados a partir do trabalho inicial, aprofundamentos que foquem mais na questão da linguagem como ponto de encontro da educação e do jornalismo, que analisem mais extensamente alguns

pontos da bibliografia, que explorem o rico material audiovisual que existe sobre o tema.

Trabalhos com propostas de ações mais práticas também seriam uma continuação possível, assim como propostas mais facilmente concretizáveis que a inserção de uma disciplina no currículo, com a realização de seminários, cursos livres ou laboratórios sobre comunicação e jornalismo.

Os resultados desta pesquisa também nos levaram a pensar, todo o tempo, nas direções para as quais gostaríamos que os fenômenos investigados caminhassem, ou, parafraseando Gramsci, a força do dever ser que gostaríamos de ver triunfar. Não foi possível apresentar uma direção clara, mas foi possível identificar o que não queremos: uma educação racista, que prolongue a monocultura do saber; a marginalização sociocultural causada pela ignorância de que as novas tecnologias produzem um novo *sensorium*, a supressão da cidadania pelo afastamento de questões sobre tecnologia e educação do campo político e cultural, da esfera pública de decisões. Mézáros apresenta com mais concretude uma das direções que concluímos ser pertinente:

Uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir suas vitais e historicamente importantes funções de mudança¹⁶³.

Terminamos esta etapa do percurso, certos de que esta transformação mais ampla no quadro social é possível, que haverá formas educacionais afeitas a este projeto e que nele terá parte o trabalho de jornalistas bem formados, capazes de ultrapassar a visão utilitarista das ferramentas da comunicação chegando a um exercício criador, de compreensão da existência humana como a máxima abertura criativa da linguagem¹⁶⁴.

¹⁶³ MÉSZÁROS, 2008, pg. 10

¹⁶⁴ SODRÉ, 2012, pg. 106

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria A. *Conhecimento, informação e tecnologia*. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 4, n° 11, p. 7-16, 1998.

BACCEGA, Maria A. *A construção do campo Comunicação / Educação*. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 5, n° 14, p. 7-16, 1999.

BACCEGA, Maria A. *Da comunicação à comunicação/educação*. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 7, n° 21, p. 4-15, 2001.

BERGOMAS, Gabriela. *Comunicação/educação na formação profissional*. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, v. 5, n° 15, p. 55-61, 1999.

CRAVEIRO, C.; SILVA, P. *Diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia*. Distrito Federal: Ministério da Educação, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, [1971] 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. *Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI*. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, n° 23, p. 57-70, 2002.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento da era da informática*. 13. ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Heredando el Futuro: Pensar la Educación desde la Comunicación*. Revista Nómadas, Santafé de Bogotá/Colômbia, n° 5, 1996.

MELO, José et al. *Diretrizes curriculares nacionais para o curso de jornalismo*. Distrito Federal: Ministério da Educação, 2009.

MESSIAS, Cláudio. *A Educomunicação nas Ciências da Comunicação: um conceito que surge, no Brasil, a partir de práticas, reflexões e olhares*. 2010. Dissertação – USP, Brasil.

MÉSZÁROS, István. *A Educação Para Além do Capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOSÉ, Viviane. *A Escola e Os Desafios Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ORTRIWANO, Gisela. *Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história*. Revista USP, São Paulo, nº 56, p. 66-85, 2003.

PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Escola de Comunicação. *Projeto de reforma curricular dos cursos de graduação em Comunicação Social*. Rio de Janeiro, 2001.

Websites

Enciclopédia Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Condicionamento_cl%C3%A1ssico

Jornal Folha de São Paulo. “Programa ‘Jogos Cerebrais’ testa padrões de comportamento social”: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/11/1374571-programa-jogos-cerebrais-testa-padroes-de-comportamento-social.shtml>

Público Portugal. “Portugal já tem quase meio milhão de jovens que não estudam nem trabalham”: <http://www.publico.pt/portugal/noticia/portugal-ja-tem-quase-meio-milhao-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-1613702#/0>

Youtube. Programa Roda Viva Muniz Sodré, TV Cultura, 06/2012:
<http://www.youtube.com/watch?v=LPxH2Z2Dzi0>

Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas). “Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país”: http://www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf

Youtube. Programa Roda Viva Milton Santos, TV Cultura, 03/1997:

<http://www.youtube.com/watch?v=G9WoAjHEGBc>

Inep (Instituto Nacional de Educação Profissional). Mapa do Ensino Superior Privado:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/educacenso/documentos/2013/folder_censo_escolar_educacao_basica_2013.pdf

Observatório da Imprensa. “Diretrizes curriculares para os cursos de jornalismo”:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed749_diretrizes_curriculares_para_os_cursos_de_jornalismo

ENECOS (Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social). “Reunião do Grupo de Estudo e Trabalho”: <http://enecos.org/reuniao-de-grupo-de-estudo-e-trabalho-27-de-marco/>

SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo). “SBPJor divulga carta pela homologação das Diretrizes Curriculares”: <http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?p=11805>

Portal da ECO (Escola de Comunicação da UFRJ). Pequena história sobre a Escola de Comunicação da UFRJ: <http://www.eco.ufrj.br/portal/news/historic/historic.html>

Revista PontoCom. “PUC-Rio lança novo curso de graduação”:

<http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/puc-rio-lanca-novo-curso-de-graduacao>

Portal Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares a Comunicação). Ementas dos grupos de trabalho:

http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1440:ementas-dos-gts&catid=186

Portal ECA-USP (Departamento de Comunicação e Artes). “O Brasil comemora a Década da Educomunicação”: <http://www.cca.eca.usp.br/node/1076>

Agência FAPESP. “USP aprova licenciatura em Educomunicação”:

<http://agencia.fapesp.br/11396>

USP Digital. Grade curricular do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo:

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=27&codcur=27011&codhab=402&tipo=N&print=true>

Portal Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares a Comunicação). “Intercom Jr abre portas a estudantes da graduação”:

http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3064%3Aespecial-35-anos-intercom-jr-abre-portas-a-estudantes-da-graduacao&catid=235&Itemid=103

Blog Educom UFCG (Universidade Federal de Campina Grande – PB):

<http://educomufcg.wordpress.com/>

Filmografia

A educação proibida – *La educación prohibida*, Argentina, 2012, 120 min, Germán Doin, Verónica Guzzo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=AeubY7iqQ2U>

Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco. – *Schooling the world*, EUA/Índia, 2010, 65 min, Carol Black.

6 - ANEXOS

Anexo I



Professor porreta!